

Criadores rejeitam novo projeto da 508

Artistas da cidade voltam a se movimentar. Ou mais uma vez não serão ouvidos?

Maria do Rosário Caetano

Artistas e animadores culturais reúnem-se hoje, às 15h00, com a secretaria de Cultura, Laís Aderne, para questionar projeto arquitetônico de recuperação do Conjunto Cultural da 508 Sul, preparado por equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Este projeto é, na opinião de membros da comunidade artística, que se reuniram no Sesc da 913 Sul, na última sexta-feira, "menos interessante" que o do arquiteto Antônio Eustáquio Santos, elaborado em maio de 86 para a Fundação Cultural do DF, por solicitação de seu então diretor-executivo, Reynaldo Jardim.

Com o lançamento da campanha de revitalização do Conjunto Cultural da 508 Sul, orçado em US\$ 1.500.000 (parte desta quantia será doada pelos japoneses do Grupo Moa), surge a possibilidade de se recuperar esta área, por muitos considerada o coração cultural da cidade.

Se tal quantia for arrecadada, ainda durante a gestão de Joaquim Roriz no governo do Distrito Federal (até março próximo), a secretaria de Cultura, Laís Aderne, espera ver executado o projeto arquitetônico elaborado pela equipe de arquitetos do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do DF.

Já a comissão comunitária (composta por Eduardo Cabral, presidente da Associação de Artistas Plásticos do DF; Romário Schettino, produtor de Artes Cênicas; Nélio Lúcio, da Galeria Cabeças; B. de Paiva, ator e diretor teatral; Regina Maura, da Associação de Dança de Brasília, e Juan Pratigenestos, da União dos Fotógrafos) prefere o projeto de Antônio Eustáquio Santos.

A comissão, explica Romário Schettino, quer saber por que a Secretaria de Cultura encomendou novo projeto para a recuperação do Conjunto Cultural da 508 Sul, se já havia outro projeto e pago. Os artistas vão também reforçar a idéia de que "o Conjunto Cultural da 508 Sul é, mais que um espaço de casas de espetáculo, uma usina de criatividade, uma espécie de escola, onde através de cursos livres e oficinas, se vivencia o processo da criação artística". Daí, que artistas e animadores culturais não entendem porque se criou mais um teatro (o do Beco) no local, em detrimento de oficinas e de uma grande sala, onde possam ser preparados espetáculos de dança.

Eduardo Cabral, da Associação de Artistas Plásticos, lamenta que "o projeto em discussão, neste momento, tenha sido elaborado em gabinete". Afinal, argumenta, "conversei com Douglas Marques de Sá e Grace Freitas, da UnB, com Athos Bulcão e todos os membros da diretoria de nossa Associação. Nenhum deles foi ouvido".

Romário Schettino conta que, na reunião da última sexta-feira, os participantes ligados à dança lamentaram a falta, dentro do novo projeto arquitetônico, de um grande salão para esta expressão artística. Um salão onde não haja pilastres".

Projeto original

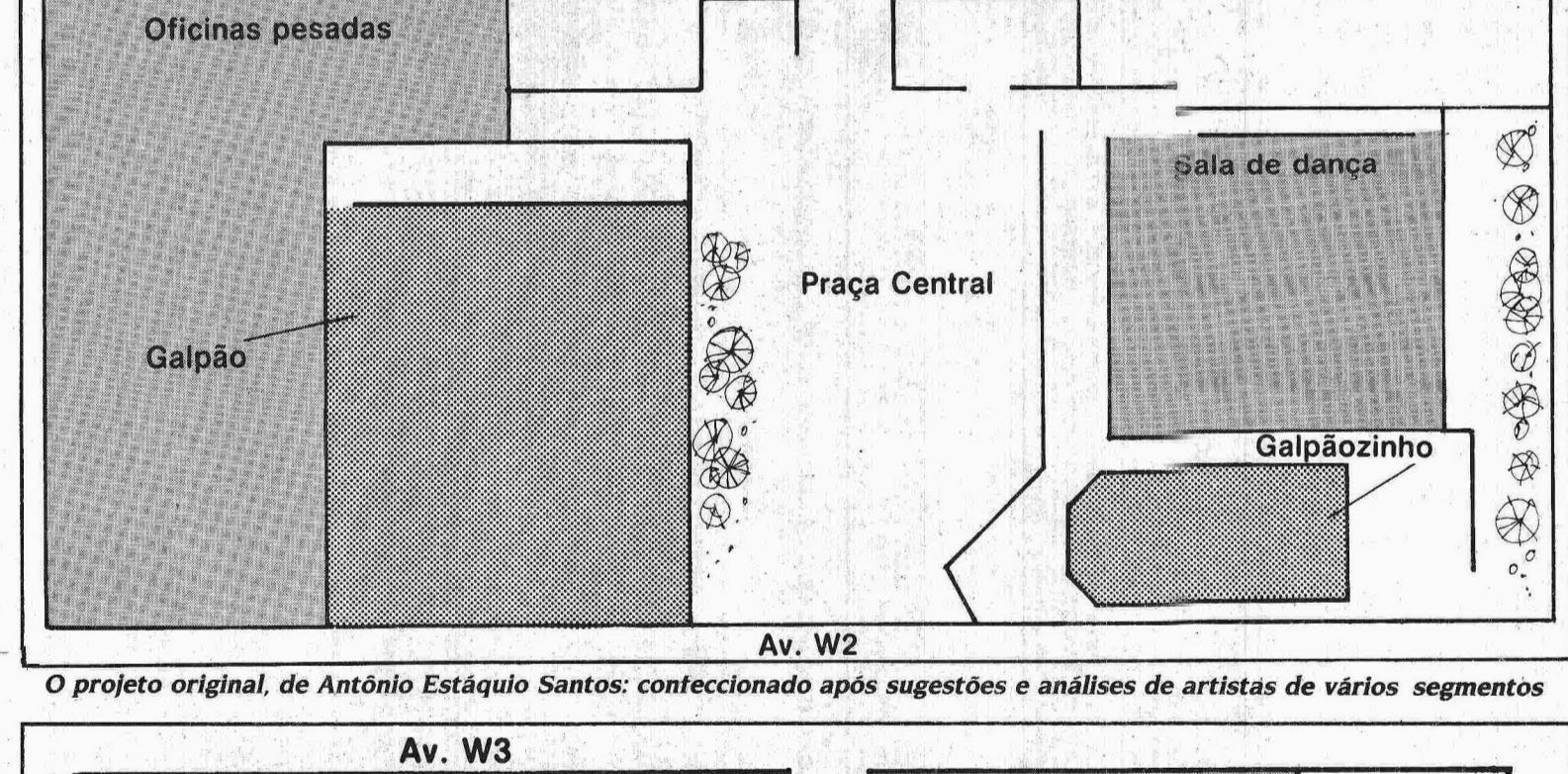
O arquiteto Antônio Eustáquio Santos conta que elaborou seu projeto depois de longas e detalhadas conversas com Fernanda Mee (teatro), Douglas Marques de Sá (artes plásticas), Juan Pratigenestos (fotografia), Edgard Eichler (música), entre outros assessores de Reynaldo Jardim, na época diretor-executivo da Fundação Cultural.

As conversas serviram para sedimentar um conceito: "O Conjunto Cultural da 508 Sul, mais que um espaço físico, deve ser uma célula de convivência cotidiana dos cidadãos com a arte". E, mais: "sua função principal é funcionar como oficina e laboratório de espetáculos. Daí que, segundo este conceito, bastam dois teatros (Galpão e Galpãozinho) e as galerias para mostrar o que ali se gerou".

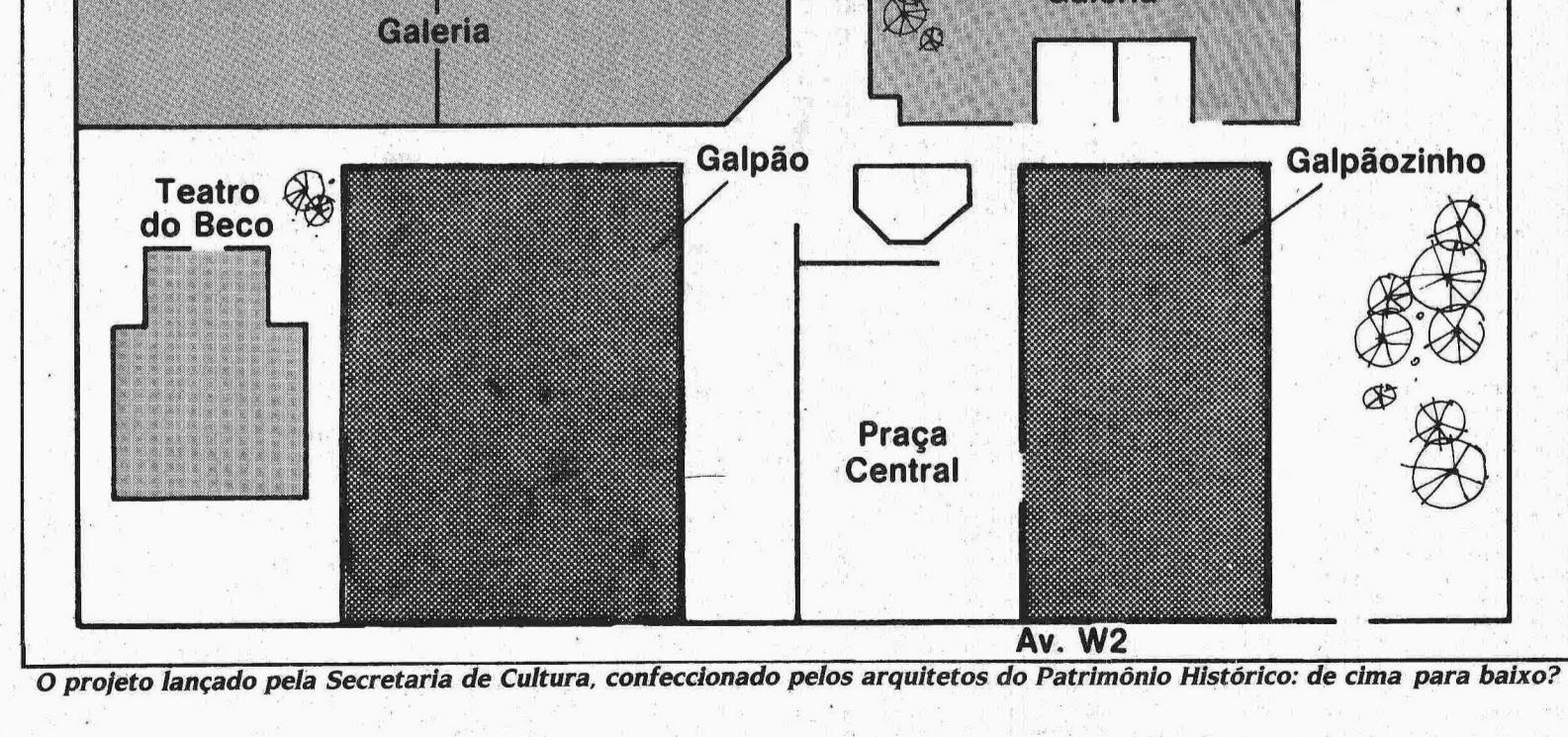
Por isto, no projeto original, Eustáquio dedicou área de quase mil metros quadrados (no total, são 4.500 m²) às oficinas pesadas (cerâmica, marcenaria, gravura e escultura). No mezanino, estão previstas oficinas leves e os escritórios administrativos. No projeto da equipe de arquitetos do Patrimônio Histórico, as oficinas pesadas foram substituídas por mais um teatro, o do Beco. Para as oficinas — leves ou pesadas — restaram os pequenos espaços do mezanino.

Eustáquio só soube que havia outro projeto substituindo o seu e em vias de ser executado, quando sintonizou a Rádio Cultura. "Sobrando", conta ele, "através de anúncio, que haviam aberto conta bancária (de número 190.739-5, no Banco do Brasil) para levantar fundos e recuperar os espaços da 508 Sul. Fiquei animado, pois, finalmente, três anos depois, meu projeto sairia do papel. Só que, em reunião na Secretaria de Cultura, soube que meu projeto não estava em questão. Havia sido substituído por outro. Como eu havia deixado meus contatos para futuros entendimentos, espantei-me com a novidade".

O arquiteto se nega a comparar o seu projeto com o da equipe do Patrimônio Histórico. Em seu escrito na 403 Norte, ele remexe plantas, fotografias, documentos e um dossier de imprensa, onde estão



O projeto original, de Antônio Eustáquio Santos: confeccionado após sugestões e análises de artistas de vários segmentos



O projeto lançado pela Secretaria de Cultura, confeccionado pelos arquitetos do Patrimônio Histórico: de cima para baixo?

registradas as várias etapas que envolveram a criação do projeto de reforma do Conjunto Cultural da 508 Sul. Mostra o material, com paixão, e se dispõe a explicá-lo.

Quando iniciamos as discussões para reformular o Conjunto Cultural da 508 Sul, nos fizemos duas perguntas: para que serve esta obra? Como ela deve ser vivida? Partimos da idéia de que a área tinha uma vocação básica: ser um centro de geração de arte, mas que uma vitrine. Afinal, vitrines a cidade já dispõe de muitas. Mesmo na 508

Sul, há o Teatro da Escola Parque, uma boa vitrine para a produção do Centro de Criatividade.

Depois de lembrar o número de salas de espetáculos da cidade (conhecida como a capital nacional dos auditórios), Eustáquio ressalta que "tomou-se o Conjunto da 508 Sul como um todo, ou seja, com a liberação de área hoje ocupada pela Secretaria de Finanças". Tanto o projeto dele, quanto o da equipe do Patrimônio, parte do princípio de que a área será liberada.

Daí, partiu para a redistribuição

dos espaços. Uma entrada principal dá acesso à Praça Central, ponto de convergência, distribuição e convivência, destinado a bares, postos de venda, festas e feiras. O Teatro Galpãozinho continua com suas funções básicas: ser um cinema, teatro de bolso e anfiteatro para aulas, com 120 lugares. O Galpão, com seu formato arena, também foi mantido. Outro grande espaço, com vão livre, criou-se uma sala de dança, para ensaios e oficinas. Esta mesma sala poderá ter outros usos. No local onde hoje funcionam ór-

gãos da Secretaria de Finanças, seriam implantadas as oficinas pesadas. Na grande vitrine que dão frente para a W-3 Sul, ficarão as galerias de arte. No primeiro andar, ficarão as oficinas leves e a burocracia.

Por contar com apenas dois teatros, o problema de isolamento acústico (responsável pelas maiores dores de cabeça dos artistas que utilizaram a 508 Sul na segunda metade dos anos 70 e primeira dos anos 80) o projeto de Eustáquio se apresenta menos complexo e mais barato.